

## Elas sonham com a hora do ‘sim’ They dream with the ‘yes moment’

Érica Ribeiro<sup>1</sup>

### Resumo:

A partir dos estudos sobre representações do feminino na mídia contemporânea, este trabalho tem como objetivo identificar como a TV compõe o imaginário sobre as noivas. Novelas, filmes, comerciais e, mais recentemente, os *reality shows* indicam sonhos, expectativas e comportamentos de mulheres que irão casar-se. Nesse percurso, para se produzir um evento midiático e passível de narrativa, fazem-se recortes a fim de mostrar essas noivas, modelando certa representação do feminino em tais ocasiões. Para buscar entender como a noiva brasileira é mostrada pela mídia, este artigo irá analisar a materialidade discursiva do programa *Chuva de Arroz*, exibido pelo canal por assinatura GNT.

**Palavras-chave:** Casamento; mídia; representação.

### Abstract:

Based on the studies about the representations of women in contemporary media, this paper aims to identify how the TV the imaginary about the brides. Telenovelas, movies, advertisements and more recently reality shows indicate dreams, expectations and behaviors of women who will marry. Thus, the wedding becomes a media event and uses a narrative to indicate the perfect event. To understand how the Brazilian bride is shown by the media, the article will analyze the discursive materiality of the program ‘Chuva de Arroz’, on the subscription TV channel GNT.

**Keywords:** Wedding; media; representation.

Se a gente se casar domingo / Na praia, no sol, no mar / Ou num navio a navegar / Num  
avião a decolar / Indo sem data pra voltar / Toda de branco no altar / Quem vai sorrir? /  
Quem vai chorar? / Ave Maria, sei que há / Uma história pra sonhar / Pra sonhar.

A estrofe faz parte da música ‘Pra sonhar’ de Marcelo Jeneci, tocada na abertura do programa “Chuva de Arroz”, exibido no canal por assinatura GNT. Sob a voz da intérprete Laura Lavieri, a canção traz o sonho do casamento perfeito e de sua realização, mas também deixa claro que o desejo é feminino ao indicar o gênero no verso “Toda de branco no altar”, demonstrando que é a noiva o foco da música. A letra resume a ideia programa, que conta a história do casal desde quando se conhecem até à máxima do ‘felizes para sempre’.

O *Chuva de Arroz* mostra as mais diversas maneiras de celebrar este ritual (o casamento). Do dia em que se conheceram até a hora do sim! A cada episódio, vamos acompanhar a trajetória de dois casais e mostrar as ansiedades e expectativas do grande dia. Você vai ver detalhes da cerimônia, como o vestido da noiva, a maquiagem, a decoração e a festa, além de conhecer a história de amor que uniu essas pessoas (site do programa *Chuva de Arroz*).

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e professora da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: [ericaribeiro@id.uff.br](mailto:ericaribeiro@id.uff.br)

Assim, o encontro, a paixão, o início do namoro, o noivado e a celebração do casamento são contados, mas essas histórias servem como contexto para mostrar a preparação da cerimônia, que ainda é vista como algo importante. Somente no ano de 2013, o mercado de casamento movimentou cerca de R\$16 milhões segundo a Associação dos Profissionais, Serviços para Casamentos e Eventos Sociais (Abrafesta) e, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a quantidade de uniões vêm crescendo desde 2010<sup>1</sup>, o que mostra que ainda há um interesse não só pela formalização da união, mas também pela celebração do casamento.

O interesse da mídia pelo casamento não é algo novo. Desde as primeiras revistas brasileiras lançadas no século XIX até as mais recentes, apresentam-se pautas relacionadas ao tema. A revista *FON-FON*, publicada entre 1907 e 1958, era uma revista feminina que tratava de assuntos do cotidiano, mas trazia em suas páginas diversas matérias sobre casamento. A edição 2.359, de 28 de junho de 1952, por exemplo, apresentou dois textos dedicados à união: “Noivas, preparai-vos para a maternidade” (página 6 e 7) e “Escola de noivas” (página 61). Só pelo título percebe-se o foco: a noiva.

A primeira matéria divulga um projeto do governo que busca ensinar às futuras mães – já que a maternidade era o que se esperava da mulher casada – os primeiros passos para cuidar de um bebê, oferecendo estágios práticos. São duas páginas com diversas fotos que ilustram o trabalho realizado junto a uma pequena explicação do que é proposto; ao final, a revista parabeniza a ação: “FON-FON, a líder das revistas femininas do Brasil, aplaudindo essa grande iniciativa do Dr. Francisco Antônio Cardoso à frente da Secretaria de Saúde e Assistência a que estão afetos os Centros de Saúde, apresenta às suas leitoras alguns aspectos das atividades das noivas paulistas”.

Já a segunda matéria faz parte de uma série de textos publicados para ajudar as mulheres a sanar dúvidas sobre diversos aspectos relacionados ao matrimônio. Na edição indicada, o texto apresenta uma análise sobre a mulher que tem um pretendente bem mais velho que ela. A publicação discorre sobre os problemas que isso pode causar no futuro: a falta precoce do marido, a imaturidade da mulher, dependência familiar ou um possível novo casamento imprudente. E aconselhava aquelas que se encontravam na situação descrita a casar-se somente se estivessem preparadas para corresponder aos anseios do marido, e a provar, assim, “por atos e palavras que, por mais novas que sejam também têm cérebro e sabem compreender os problemas da vida e ajudar os maridos a resolvê-los”, fazendo recair sobre elas a responsabilidade pelo sucesso do casamento.

O pensamento relativo ao papel da mulher no casamento – e o sucesso deste em grande

parte sob responsabilidade dela – é uma herança da disciplina instituída sobre o corpo e a palavra da mulher durante a Idade Média, segundo Tedeschi (2012). Ao pesquisar sobre as representações do feminino ao longo da história, o autor indica que o controle da moral cristã promoveu sistemas simbólicos de hierarquia por meio da religião, atribuindo ao feminino tarefas relacionadas ao cuidado do lar, da família e da maternidade, e isolando-o ao espaço doméstico.

O papel social da mulher identificar-se-á com a maternidade, o que a remete imediatamente para o domínio do lar e do privado [...] é importante realçar que a redução da mulher à função de mãe a “impede” de dedicar-se a uma outra atividade, já que nenhuma função adquire, segundo a Igreja, maior importância do que a de cuidar dos filhos. Por outro lado, perpetua-se um discurso que, mais do que desvalorizar o trabalho fora do lar, o condena, uma vez que, além de prejudicial à vocação fundamental da mulher, ele não está de acordo com a sua natureza física e psicológica. A mulher aparece, então, como eixo central da família e contribui para a sociedade permanecendo no domínio do privado, em oposição ao homem que se situa na esfera pública (TEDESCHI, 2012, p.84-85).

A condição da mulher era de coexistência, sempre atrelada ao *status* do homem e retratada como um ser inferior que deve obediência ao pai ou ao marido, e foi reforçada ao longo do tempo, mesmo com a chegada da modernidade e dos meios de comunicação. Segundo Del Priore (2013), o que interessava nas mulheres, na virada do século XIX para o XX, era conseguir conquistar e manter a felicidade no casamento. Apesar de gozarem de certa liberdade – em meados do século XX, a mulher já não era tão mal vista se trabalhasse fora, podia passear sozinha e até escolher o rapaz com quem se iria relacionar –, o casamento ainda era tido como algo essencial, tanto que em 1941, o então presidente da República Getúlio Vargas instituiu um decreto no qual determinava que a formação das mulheres deveria ser voltada para o casamento, a maternidade, a criação dos filhos e ao zelo da casa.

As revistas tinham então um papel modelar no que dizia respeito à vida familiar. *Querida, Vida Doméstica, Você, Jornal das Moças* ou seções femininas de *O Cruzeiro* impactavam como formadoras de opinião. E o que elas diziam? Que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade (DEL PRIORI, 2013, p. 67).

Freire Filho e Leal (2015) corroboram os estudos de Del Priore ao analisarem as concepções de felicidade da mulher na mídia, resgatando publicações de meados do século XX. A imprensa, de forma geral, ainda buscava a manutenção do papel da mulher ao lar, responsabilizando-a pelo sucesso ou fracasso do casamento. De acordo com os autores, as revistas traziam manuais sobre o papel da boa esposa: “realizar bem as atividades domésticas, manter a boa aparência, não importunar o marido e ser para ele fonte de prazer e consolo” (2015, p. 11).

Já na segunda metade do século XX, diversas mudanças econômicas, políticas e sociais

iniciaram um processo de grandes transformações que afetaram a forma como a mulher se posicionava na sociedade e era vista pelos outros, com uma aproximação entre os papéis exercidos por elas e pelos homens. De acordo com Coelho e Fracesse (2013), nessa fase, o casamento deixaria de ser a única forma de relacionamento possível entre os casais, já que não haveria mais a obrigatoriedade da união oficial para se ter um parceiro.

Apesar de o casamento não ser o único modo de união, por que as pessoas ainda casam? O casamento ainda é visto como uma forma de reconhecimento da mulher na sociedade? O sonho do casamento ainda está presente nos desejos femininos, mas inserido em um novo cenário social, no qual ela pode decidir com quem será a união e, ainda, quais os motivos do matrimônio. E assim como as revistas femininas de outrora auxiliavam as noivas no processo, o século XXI oferece uma diversidade de produtos na mídia atrelados à temática. Se no início do XX, o modelo de mulher apresentado era o de dona de casa que serve ao marido; levanta-se a hipótese de que, hoje, os objetivos do casamento se afastam da conquista por espaço social e de que a mídia reflete as escolhas da mulher pelo casamento.

Quais as expectativas da noiva sobre o casamento? O sonho da mulher moderna com relação à oficialização da união diverge dos anseios das gerações anteriores? Para identificar as formas de representação das noivas contemporâneas e compreender os motivos que as levam ao matrimônio, o recorte desta discussão se dará na primeira temporada do programa Chuva de Arroz, que conta com 13 episódios. São 25 noivas<sup>2</sup> que, além de terem a união concretizada, exibiram suas histórias na televisão.

### **Do negócio ao amor: uma breve discussão sobre a concepção do casamento**

No início do terceiro episódio do programa Chuva de Arroz, exibido em 21 de maio de 2012, o noivo Arnaldo diz o que pensa sobre o casamento: “A mulher desde que nasce... ela sonha, parece que está no DNA dela. Ela quer se vestir de branco, ela quer casar”. De acordo com ele, então, a união é um desejo essencialmente feminino e da essência da mulher. Esta não é uma opinião somente dele e muito menos nova. A atribuição do desejo do casamento à mulher é histórico e foi constituído ao longo dos séculos.

Segundo Leite (2005), procriação, exercício da fé, realização do sacramento e educação da prole já foram fundamentos para a constituição do casamento. O matrimônio como marco para a união entre pessoas faz parte da construção de um processo civilizador e regulador nas sociedades

ocidentais, principalmente com relação à sexualidade e com apoio da Igreja Católica, instituição que mais lutou pela monogamia, e só foi consolidado a partir do século XIII (DEL PRIORI, 2013; NORBERT, 2011).

No Brasil, a valorização do casamento tem início com a colonização e ganha força com a vinda da Família Real Portuguesa em 1808. As mulheres casavam-se por diversos motivos que poderiam ir da segurança com respeito ao próprio sustento, às alianças familiares, a uma fortuna a conquistar ou mesmo ao desejo de salvar o “nome”.

Na sociedade tradicional, a mulher não possuía estatuto fora do casamento; ele era a única instituição que lhe permitia se realizar como ser social. Tornar-se uma “santa esposa e mãe” – como queria a Igreja Católica – davam o respeito, a mobilidade social e a segurança tão almejadas pelas populações femininas (DEL PRIORI, 2013, p. 30).

Diante disso, o casamento não envolvia “amor”, sendo mais próximo de um negócio, um mecanismo que envolvia diversas pessoas para se conseguir o casamento ideal. Havia um racionalismo para as uniões acontecerem e, muitas vezes, os noivos se conheciam somente às vésperas da cerimônia, quando não somente no dia do casamento. A união com base no companheirismo, no respeito e no amor somente começa a surgir com a consolidação da modernidade, quando as pessoas iniciaram um processo de individualização e particularização de ações (vida íntima e privada), que passam a ser valorizadas, como indica Taylor.

O casamento com base no companheirismo e a exigência de privacidade aconteceram ao mesmo tempo. A família baseada no afeto tinha de ser constituída por afinidade. Não podia ser fruto exclusivamente dos arranjos dinásticos e de propriedade que foram tão importantes para a antiga linhagem (TAYLOR, 2011, p.377).

Ainda segundo o autor, a doutrina puritana teve grande influência nessas transformações iniciadas no final do século XVIII na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde o movimento puritano foi mais forte e responsável pela compreensão contemporânea que se tem do casamento e do amor. Assim, a sociedade chega ao século XXI tendo os valores para a união atribuídos a sentimentos e não mais a negócios e podem ter como objetivos a intenção do casal de viver junto e de se constituir uma relação de companheirismo.

Mesmo o casamento não sendo mais o foco da maior parte dos jovens e não estar nos planos para o futuro, já que independência não está exclusivamente relacionada à consolidação do matrimônio de forma tradicional (VELHO, 2010), o desejo pela realização do casamento existe e, segundo Del Priori (2013), tem como fundamento principal a busca pela felicidade. A autora afirma que a relação entre felicidade e casamento é difundida principalmente pela mídia – cinema, novelas e músicas. “O amor é a chave que abre as portas do paraíso na terra. Faz parte desse pacote a ideia de que um dia as mulheres encontrarão um príncipe encantado com todas as qualidades de alma

gêmea” (DEL PRIORI, 2013, p.100-101).

Assim, apesar de o pensamento e de os costumes sociais terem mudado – por diversos motivos, como a entrada da mulher do mercado de trabalho, o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, o direito ao voto, a autonomia feminina e os rearranjos familiares (DEL PRIORI, 2013; MITIDIERI, 2008) –, o cerimonial do casamento continua a existir de forma tão tradicional quanto antes, marcando uma mudança de vida e com significados para as pessoas.

A força do ritual e a importância que ele ainda tem para a sociedade é claramente notado ao analisar os assuntos pautados pela mídia. No Brasil, casamentos de celebridades ganham capas de jornais e revistas, e um grande assédio da imprensa. As uniões de Ronaldo Nazário com Daniela Cicarelli (2005) e de Alexandre Pato e Sthefany Brito (2009) chamaram atenção pela grandiosidade e pelo ar de conto de fadas. Os dois casais celebraram o enlace seguindo representações tradicionais que envolvem o casamento, principalmente com relação aos elementos simbólicos que regem o ato: vestido branco, véu, grinalda, buquê, bolo, troca de alianças, recepção para os convidados e o beijo que sela o compromisso.

Pato e Sthefany casaram-se na Igreja São Francisco de Paula, no centro da cidade do Rio de Janeiro, e realizaram a recepção no hotel Copacabana Palace. Já Ronaldo e Daniela realizaram parte do casamento tradicional com cerimonial no Castelo de Chantilly, na França, já que não se casaram oficialmente – o jogador ainda não se havia separado formalmente de Milene Domingues. Assim, fica mais evidente a força que o cerimonial tem na sociedade como forma de marcar a união entre casais.

Outro casamento que ganhou a mídia mundial e reforça a tradição do ritual foi a união entre o príncipe William e Kate Middleton na Inglaterra, em 2011. Desde o anúncio do noivado, diversas publicações iniciaram uma corrida por todos os detalhes que envolviam a relação entre os dois e a cerimônia. Os assuntos variaram do anel de noivado à volta do uso do vestido rendado; incluindo a transmissão da cerimônia ao vivo para 180 países.

Não são somente as celebridades que ganham espaço, porém. Muitas vezes elas funcionam como gancho para trazer a público outras questões relacionadas ao casamento. Na televisão, programas dos mais diversos têm como foco a celebração da união e ganham espaços na grade. Eles ensinam a escolher o vestido, a fazer a festa, a não cometer gafes, a decorar, a economizar, a escolher a música ou mesmo a cuidar da casa, da beleza, dos filhos e da relação.

Algumas dessas produções são diretamente baseadas no ritual do casamento. E mais:

alguns têm o foco para as noivas, tidas muitas vezes como a pessoa que tem esse sonho. “Embora os ritos matrimoniais se organizem em torno de um casal que celebra sua mudança no estado civil, é sabido que a ocasião é largamente associada ao universo feminino”, afirma Marins (2013, p.2), ratificando a ideia de que a mulher é tida como o personagem principal e, por conseguinte, para ela é que se volta a maior parte dos produtos midiáticos que envolvem o casamento.

### **Eu quero me casar**

Exibido na programação do canal por assinatura GNT, o programa “Chuva de Arroz” apresenta os preparativos para o casamento de dois casais. A temporada de estreia teve início em maio de 2012 e possui 13 episódios, exibidos semanalmente, que buscam contar a história deles desde o dia que os noivos se conheceram até o momento do casamento.

A maior parte dos roteiros segue o mesmo padrão, com início, meio e fim de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos: como os noivos se conheceram, namoro, noivado, preparativos para a cerimônia e o “grande dia”. Apesar de o programa mostrar o casal, porém, o público-alvo da produção é a mulher, constatação clara na chamada do programa no site<sup>3</sup>, que pressupõe ser dela o sonho do casamento (“sempre sonhou em se casar vestida de noiva”), ou seja, cabe ainda à mulher o desejo de concretizar oficialmente a união.

Você, que sempre sonhou em se casar vestida de noiva, já pensou em ver seu casamento virar programa do GNT? Para realizar esse sonho, basta enviar uma foto bem bacana do casal e contar a história de vocês dois, dando detalhes da cerimônia e da festa que vocês estão organizando (site do programa Chuva de Arroz).

Até meados do século XX, sabe-se que a mulher possuía motivos específicos para desejar constituir o matrimônio e, para ajudá-la nesta tarefa, diversas publicações eram disponibilizadas. Com a mudança no comportamento social e a nova fase conquistada pela mulher, o foco desses produtos também mudou. Eles continuam a falar sobre casamentos, mas as vertentes discutidas são outras. Percebe-se neste processo que eles, de certa forma, refletem os anseios das mulheres no presente momento.

O programa “Chuva de Arroz” é um desses produtos midiáticos que exploram o casamento como temática principal. Com a exibição da história dos noivos e a produção do casamento, ele proporciona emoção e entretenimento, mas também é capaz de transmitir ensinamentos, apresentar histórias – no caso, com final feliz – e difundir comportamentos. Pretende-se mostrar aqui quem são as noivas do programa e o que elas pensam sobre o casamento na tentativa de compreender que fenômenos levam a mulher contemporânea a buscar a união por meio do ritual do matrimônio, e

como ainda como isso é passado pela mídia.

Nos 13 episódios pertencentes à primeira temporada do programa, foram analisadas 25 mulheres que, pela análise geral, parece todas ter uma situação financeira confortável, haja vista a suntuosidade das cerimônias, ou, estavam-se casando com alguém que tinha condição para bancar os custos. Nesse sentido, o primeiro apontamento a ser destacado é o trabalho. Direito conquistado ao longo dos anos, que faz com que a mulher busque independência, a inserção no mercado de trabalho é grande entre essas noivas: percebe-se claramente que somente duas delas não possuem um trabalho formal – a suíça Raquel, participante do décimo episódio, que contava somente com o visto de estudante para permanência no Brasil; e Babi (13º episódio), companheira do músico Arlindo Cruz, que dedica o seu tempo à casa, aos filhos e ao marido e à carreira dele.

No entanto, esse número pode ser maior, já que o programa não deixa claro se sete das noivas trabalham ou não, como, por exemplo, a noiva de Cacá Bueno, Talita. No programa, ela aparece acompanhando o marido nas corridas, e ele declara que a esposa parece já fazer parte da equipe, além de afirmar que ela foi a responsável por resolver todos os detalhes da cerimônia. Já Talita sempre sonhou em casar-se para construir uma família.

O motivo de celebrar o casamento, igreja, festa, acho que é reunir todo mundo que faz parte de nossas vidas e tal, mas é principalmente construir uma família. Acho que para a gente futuramente ter filhos, precisa ter uma estabilidade... casar, morar juntos e fazer tudo conforme manda o regulamento (Talita, noiva do 5º episódio).

Outra noiva que segue a tradição, parece não trabalhar fora e acredita que o casamento é caminho para se constituir uma família é Renata (12º episódio). De família judaica, a noiva indica claramente dois motivos para sacramentar oficialmente a união: companheirismo e o desejo de construir uma família judaica. No entanto, apesar de ser formada em uma faculdade e nunca ter deixado os estudos de lado, afirma que o seu objetivo era casar. Para ela, a realização desse sonho traria felicidade, paz, segurança e amor.

A ideia da segurança, da paz e da estabilidade ainda surge no discurso de outra participante: Camila, que, assim como Renata, está no 12º episódio da temporada. Dentro dos motivos para o casamento apontado por essas noivas ainda se veem resquícios do passado, em que a mulher buscava um marido para garantir o sustento e ser respeitada socialmente. No caso, então, de Camila, isso é ainda mais evidente: ela namora há dez anos com Adolfo e não se vê morando junto com ele que não seja casada. Esse sonho de casamento parece compreensível considerando a possibilidade de essas mulheres estarem em busca da ideia de segurança para o futuro, assim como estiveram suas

avós e mães, provavelmente, mas, dentro desse contexto, ainda se encontra a conquista da felicidade por meio do amor.

Apesar de somente seis noivas terem declarado diretamente que é o amor o motivo do casamento, percebe-se esse sentimento incluso em outras possibilidades: “ele é o homem da minha vida”, “somos almas gêmeas”, “nascemos um para o outro” e “nosso relacionamento é uma dádiva de Deus”. As ideias transpassadas por essas noivas são mais relacionadas ao sentimento e a poder alcançar a felicidade após encontrar uma pessoa com quem se possa compartilhar a vida e fazer planos.

Neste processo, a maior parte delas acredita ser necessário passar por um ritual para marcar essa nova etapa: em que deixam de ser solteiras para serem casadas de acordo com a lei. Com o desenrolar dos preparativos, começam a ver o acontecimento como realização de um sonho, mesmo aquelas que já estão morando com os noivos. Isso pode ser atestado no casamento entre Tatiane e Fernando, noivos do episódio 7. Eles foram morar juntos com três meses de relacionamento e se casaram seis anos depois; durante os votos na cerimônia, a noiva declara: “Em uma semana eu já sabia que tu serias o homem que me traria até o altar. A pessoa que me ensinou que eu não preciso ser perfeita o tempo todo, me ensinou a levar a vida de uma forma mais leve. Com você, a vida fica muito mais bonita de se viver. Fica comigo para sempre?”, declarou Tatiane.

O desejo do “felizes para sempre” perpassa por diversos outros casamentos. Talita e Renata, por exemplo, dizem terem nascido para casar; a primeira usa termos como “príncipe encantado” e “conto de fadas”, o que indica a representatividade que o casamento tem na vida de cada uma e também a influência de outros produtos de mídia na construção do modelo ideal de felicidade. Já Manuela (noiva do episódio 7) vai além do sonho de encontrar o amor para a vida toda: a realização do casamento só será satisfatória se envolver todos os trâmites mais tradicionais da cerimônia:

Eu sempre quis casar como manda o figurino. Sempre quis casar de branco, ter um festão. Sempre foi um sonho. Sempre fui uma pessoa que já sabia muito sobre casamentos, eu já olhava revistas, pesquisava. E quando ele me pediu em casamento, foi até a desculpa ideal para eu falar ‘oba, agora eu tenho meu casamento para organizar. Que bom!’

E a ideia do vestido branco é forte. Apesar de todos os motivos identificados para a realização do casamento, mesmo aquelas que não tinham o sonho de casar-se buscaram uma cerimônia que pudesse marcar a união e aderiram em parte à tradição brasileira na escolha da cor. Fora duas noivas (Adijane, 8º episódio, e Vanessa, 13º episódio), que se casaram de vermelho por conta do tipo de cerimônia religiosa da união – mantendo o ritual da tradição escolhida, o que é

importante frisar –, todas as outras noivas fizeram questão de casar-se de branco, mesmo as que pensaram não adotar o tom para o casamento. A noiva Camila, do 4º programa, casou-se sob a temática ‘Circo’ e acreditava que nunca se casaria de branco; ela acabou, por fim, encomendando o vestido, ao não ter achado o que desejava numa loja de aluguel.

O vestido de noiva realmente é um dos fatores mais clássicos nos casamentos midiáticos. Grande parte do programa “Chuva de Arroz” é dedicado a esse traje exclusivamente feminino: depoimentos sobre escolhas, provas e a preparação da noiva. Um dos grandes medos apontados é que o noivo veja a roupa antes do casamento, por conta do mito de que o ato traria azar ao casal. O simbolismo do vestido é grande e altamente valorizado pelas noivas, que o colocam como um dos elementos mais importantes do casamento.

Ao contrário do histórico que indica que o vestido branco tem o valor da pureza da mulher; segundo algumas noivas, ele representa a personalidade delas e é tão essencial quando o futuro marido. Companheira de Arlindo Cruz há 26 anos e com dois filhos, Babi não abdicou do vestido branco, mas fez questão que ele fosse diferente: “Eu não sou normal, então não quero uma coisa normal”, essa foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça”, afirmou ela em depoimento para o programa.

E ter um casamento diferenciado também faz parte do sonho de praticamente todas as noivas. Apesar de a maioria utilizar ações (cerimônia e recepção) e elementos (vestido, buquê, grinalda) constituintes do casamento mais tradicional, muitas idealizaram detalhes que, para elas, faria do casamento algo único para ninguém esquecer. Isso também é um ponto indicado pelas noivas como importante para a realização do casamento: reunir família e amigos para celebrar junto com os noivos a união.

O destaque da temporada, que desvia de modo mais transgressor o comportamento e o pensamento feminino diante do noivado e do casamento, foi a cantora Adijane, participante do oitavo episódio do programa. Ela afirma ter-se apaixonado pelo sorriso de Eliano, já morava com ele, mas sentia falta do casamento e necessidade de receber uma bênção. Assim, mantendo o desejo da oficialização da união na mulher, mas indo de encontro ao tradicional, ela tomou as rédeas da situação e o pediu em casamento: escreveu uma carta em que ao final perguntava: “você quer casar comigo?”. Pedido aceito e sonho realizado. O sonho dela.

## **Considerações finais**

O objetivo desta análise era buscar no programa “Chuva de Arroz” vestígios que mostrassem um perfil usado pela mídia para representar as noivas brasileiras, o que também acabaria identificando os motivos pelos quais essas mulheres atualmente se casam. Sentimentos como amor, carinho e companheirismo ficam evidentes, mas a ideia da realização de um sonho é mais forte por toda a temporada analisada. Não se pode deixar de salientar que por ser uma produção midiática, que busca prender a atenção do telespectador e conquistar audiência, o envolvimento emocional do público com a história das personagens é essencial.

Assim, a felicidade adquirida pela realização do sonho de casamento fica estampada praticamente em cada cena, em cada declaração das noivas, que sempre apareciam sorridentes e, mesmo estressadas por conta da produção da celebração, radiantes. Nenhuma delas realizou o sonho apenas por meio de um ritual oficial, legal ou civilmente, como o de assinar papéis no cartório. Todos os casamentos foram marcados por cerimoniais realizados em conjunto com o ritual de passagem para uma vida a dois e foram produzidos para que familiares e amigos pudessem participar desse acontecimento. Dessa forma, parece que para casar-se e ser feliz, as noivas precisam realizar o sonho por completo.

É ingênuo afirmar que todas as mulheres brasileiras sonham em casar-se, no entanto, ao analisar as noivas da primeira temporada do programa “Chuva de Arroz”, pode-se pensar que se a mídia mudou o foco dos assuntos dentro do universo dos casamentos, é porque também há uma mudança social neste sentido. Se antes os veículos buscavam, por exemplo, indicar como a mulher deveria comportar-se para conseguir um bom casamento, hoje eles exibem as mais variadas formas de relacionamento e como algumas mulheres conquistam a felicidade. São mulheres diferentes, com histórias de vida diversas, mas que convergem para um único ponto: realizar o sonho do “final feliz” com o casamento perfeito, seja por amor, companheirismo, praticidade, seja por busca de paz e estabilidade.

O “Chuva de Arroz” não representa uma realidade, por mais que se trate de um programa com base narrativa sem o desenvolvimento de roteiro prévio e encenações – características do gênero “Reality TV” –, pois estão embutidos, em sua produção, elementos do espetáculo midiático. Não se podem afastar, tampouco, os objetivos das mulheres participantes da sociedade em que estão inseridas, pois elas representam uma parte dessas mulheres e um pouco de cada uma, ao serem apresentadas com desejos que mesclam os anseios de diversas gerações, tradições e comportamentos sociais. Ao mostrar as noivas modernas como indivíduos singulares, que se encaminham para um

objetivo comum, o “Chuva de Arroz” atraiu e conquistou o público de forma mais amplificada, tendo alcançado um dos maiores níveis de audiência do canal GNT enquanto foi ao ar.

**Notas:**

(1)

<http://www.valor.com.br/brasil/2941374/numero-de-casamentos-aumentou-5-no-pais-no-ano-passado-segundo-ibge#ixz2lCkRlXls>.

(2) O episódio 6 traz um casal de homens, o que invalida a análise para esta proposta de artigo.

(3) <http://gnt.globo.com/programas/chuva-de-arroz/>. Acesso em 17 de março de 2015.

## Referências:

- COELHO, M. C.; FRACESSE, L. Sentidos que circulam no ciberespaço: efeitos e deslizes que constituem o casamento. **Revista Querubim**. Ano 09, nº 20. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em <[http://www.uff.br/feuffrevista/querubim/images/arquivos/zquerubim\\_20\\_vol\\_2.pdf](http://www.uff.br/feuffrevista/querubim/images/arquivos/zquerubim_20_vol_2.pdf)>. Acesso em 10 de Janeiro de 2014.
- DEL PRIORI, M. **Conversas e histórias de mulher**. 1.ed. - São Paulo: Planeta. 2013.
- FERNANDES, L. P. "O noivo é só um detalhe": gênero e consumo na produção de casamento. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1373324870\\_ARQUIVO\\_Onoivoesoumdetalhe.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1373324870_ARQUIVO_Onoivoesoumdetalhe.pdf)>. Acesso em 10 de Janeiro de 2014.
- FREIRE FILHO, J.; LEAL, T. "Mas por que, afinal, as mulheres não sorriem?": jornalismo e as razões da (in)felicidade feminina. **Ciberlegenda**, nº 33. Niterói, UFF, 2015. Disponível em <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/876>>. Acesso em 15 de Junho de 2016.
- LEITE, E. de O. **Direito Civil aplicado**, volume 5: direito da família. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. 2005.
- MARINS, C. T. Noções de feminilidade nos ritos matrimoniais: uma análise antropológica. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384446976>>

[\\_ARQUIVO\\_CristinaMarins.pdf](#)>. Acesso em 10 de Janeiro de 2014.

MITIDIARI, A. M. Amorim. O traje de noiva como identificação e estilo de vida. **4º Colóquio de Moda**. Nova Hamburgo/RS. FEEVALE, 2008. Disponível em <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda\\_2008/42506.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42506.pdf)>. Acesso em 10 de Janeiro de 2014.

NORBET, E. **O processo civilizador**, volume 1: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

TAYLOR, C. **As fontes do self**. A construção da identidade moderna. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourados, MS: Ed. UFGD. 2012.

VELHO, G. **Cultura subjetiva e projetos de felicidade**. In: FILHO, João Freire (Org.). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2010.